

**A VARIABILIDADE DO MODO SUBJUNTIVO:  
UM ESTUDO DE BASE CONSTRUCIONISTA**

Vânia Raquel Santos Amorim (UESB)

[quelva@hotmail.com](mailto:quelva@hotmail.com)

Valéria Viana Sousa (UESB)

[valeria.viana.sousa@uesb.edu.br](mailto:valeria.viana.sousa@uesb.edu.br)

**RESUMO**

Neste artigo, temos o objetivo de investigar a competição pelo uso entre formas subjuntivas e indicativas em orações parentéticas introduzidas pelo *que* nos diferentes contextos de uso em que são instanciadas. Teoricamente, ancoramo-nos nos pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) e buscamos um diálogo entre os estudos da Gramática de Construções e da gramaticalização para tratar da variação linguística na competição pelo uso. Referente à análise desse fenômeno linguístico, examinamos a amostra constituída por 24 (vinte e quatro) entrevistas do Português Culto de Vitória da Conquista (*Corpus PCVC*) e recuperamos os dados de Amorim (2015), que analisou a variação do subjuntivo em 24 (vinte e quatro) entrevistas do Português Popular de Vitória da Conquista (*Corpus PPVC*). O resultado desta pesquisa evidenciou que a variabilidade do subjuntivo pode ser explicada por fatores atinentes a habilidades cognitivas de domínio geral (categorização, memória rica e analogização), pela associação da modalidade *irrealis*, pelo princípio das camadas ou *layering* (HOPPER, 1991), pela frequência *token* e *type* e pela proposição hierárquica e esquemática na perspectiva de Traugott e Trousdale (2013).

**Palavras-chave:**

Estratificação. Subjuntivo. Variabilidade.

**ABSTRACT**

In this article, we aim to investigate the competition in the use between subjunctive and indicative forms in parenthetical sentences introduced by *que* in the different contexts of use in which they are instantiated. Theoretically, we are anchored on the theoretical assumptions of Functional Use-Centered Linguistics and we seek a dialogue between the studies of Construction Grammar and grammaticalization to deal with linguistic variation in the competition for use. Regarding the analysis of this linguistic phenomenon, we examined the sample consisting of 24 (twenty-four) interviews from the *Português Culto de Vitória da Conquista* (*PCVC Corpus*) and retrieved the data from Amorim (2015), who analyzed the variation in the use of the subjunctive in 24 (twenty and four) interviews of the *Português Popular de Vitória da Conquista* (*PPVC Corpus*). The results of this research showed that the variability of the subjunctive can be explained by factors related to general domain cognitive skills (categorization, rich memory and analogization), by the association of the *irrealis* modality, by the principle of layering (HOPPER, 1991), by the token and type frequency and by the hierarchical and schematic proposition in the perspective of Traugott and Trousdale (2013).

**Keywords:**

Stratification. Subjunctive. Variability.

## 1. *Discussão inicial*

Nos alicerces dos estudos baseados no uso, a gramática é emergente e, em virtude disso, a sua estrutura está constantemente em processo de mutação em razão das vicissitudes das práticas discursivas. Frente a essa constatação, é evidente uma discrepância dessa compreensão da gramática quando comparada aos dogmas prescritos e, de alguma forma, impostos pela Tradição Gramatical (doravante TG) que, por sua vez, apresenta, em sua estrutura, uma gramática constituída por um conjunto de regras engessadas sem espaço à flexibilidade para a variação.

Essa discrepância entre a língua utilizada pelo falante e o que prescreve a norma gramatical pode ser percebida, por exemplo, nas lacunas encontradas na definição do modo subjuntivo que, relacionado a um fato incerto, encontra-se competindo com a forma indicativa na língua oral, na qual se apresenta com o valor semântico do subjuntivo e, portanto, trazendo valores de incerteza não previstos pela Tradição Gramatical (TD) como pode ser observado na construção a seguir:

(1) INF: [...] eu fantasiava muito que a minha realidade não era aquela [...]. eu imaginava que a minha casa tinha muito...imaginação, imaginação [ININT] que a minha casa não era ali e tal... a aí a gente passou um momento muito difícil, aí a gente voltou pra Conquista que mainha realmente não se adaptou, e em Conquista de novo a gente morava das *ótro*s, a gente morou na casa de parente, na casa de vó e aí não dava certo e brigava [I-NINT] confusão, e assim, nessa fase de Conquista tem coisas que legais, **QUE EU ME LEMBRO**, né, eu sempre fui assim... eu sempre me interessei por garotos (*Corpus PCVC – D.F.P*)

O uso da oração parentética introduzida por *que* com o verbo no modo indicativo no dado (1) rompe com as prescrições gramaticais, tendo em vista que deveria ser empregada com o verbo no modo subjuntivo para limitar a generalidade de um asserto – *Não há, que eu saiba, expressão mais suave* (BECHARA, 2009, p. 239) e usado substantivamente para restringir uma possibilidade: *Que me lembre, ele não disse isso (pelo que me lembro)* (ALMEIDA, 2009, p. 556). Apesar de o dado de fala ter a construção com a forma do indicativo, esse uso carrega o valor semântico do subjuntivo, o que caminha em direção contrária ao que estabelece a TG.

Em virtude da Tradição Gramatical não apresentar uma explicação coerente em relação a essa variabilidade que ocorre na língua em uso, buscamos responder neste trabalho as seguintes questões: (1) observando a variabilidade do subjuntivo perfilada pelas microconstruções modo subjuntivo e modo indicativo em contexto em que a Tradição

Gramatical advoga o uso do subjuntivo, perguntamo-nos quais aspectos contingenciam tal fenômeno na língua em uso pelos falantes? (2) Qual a representação taxonômica virtual e abstrata do modo subjuntivo na rede dos modos verbais do Português Brasileiro?

Referente à primeira questão-problema e, a partir de uma perspectiva construcional, defendemos que o caráter inovador do modo subjuntivo é um novo pareamento de forma-função na língua portuguesa, pois, além da forma-função prototípica, também desempenha forma e função através de verbos com o modo indicativo. Aventamos, ainda, que essa inovação do modo subjuntivo pode ser justificada por fatores atinentes às habilidades cognitivas de domínio geral como categorização, memória rica e analogia; à frequência *token type*; à modalidade *irrealis* e ao princípio de camadas (HOPPER, 1991).

Concernente à segunda questão-problema, conjecturamos que a representação taxonômica do modo subjuntivo pode ser posta da seguinte forma: o esquema do modo verbal sanciona 3 (três) subesquemas: modo imperativo, modo indicativo e modo subjuntivo. Este último instancia, por sua vez, duas microconstruções, constituídas tanto pela forma exemplar, encabeçados por verbos na forma subjuntiva, como também por verbos na forma indicativa.

A fim de atestamos essas hipóteses, levantamos os seguintes objetivos: (i) investigar a variabilidade do modo verbal subjuntivo em orações parentéticas introduzidas pelo *que* na comunidade de fala conquistense ancorados em pressupostos do Funcionalismo Clássico, retomando o subprincípio de camadas (HOPPER, 1991) para tratar da competição pelo uso linguístico; e, baseados na Linguística Funcional Centrada no Uso, (ii) propor uma rede construcional do modo subjuntivo a partir da perspectiva de Traugott e Trousdale (2013).

Para o tratamento da variabilidade do modo subjuntivo, apropriamo-nos do método misto que pode ser compreendido, segundo Lacerda (2016), por meio da associação entre as metodologias quantitativa e qualitativa.

De maneira a atingir a proposta desta pesquisa, a sua composição está organizada da seguinte forma: nesta discussão inicial, apresentamos as questões problemas, as hipóteses, os objetivos da pesquisa, as teorias acionadas para a análise e o tipo de metodologia. Na seção 2, *Delineamento do enquadre teórico*, trazemos o aporte teórico para fundamentação da pesquisa. Na seção 3, *O delineamento metodológico da pesquisa*,

tratamos das especificidades metodológicas e dos *corpora* utilizados. Na seção 4, *Análise dos dados*, nos dedicamos à análise dos resultados da pesquisa. Finalizamos com as Considerações Finais, sintetizando o que foi tratado no decorrer deste trabalho seguido das Referências Bibliográficas.

## **2. Delimitação do quadro teórico**

Nesta seção, tratamos de alguns pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso e buscamos um diálogo entre os estudos da Gramática de Construções e da gramaticalização, mais precisamente, nesta abordagem teórica, retomando o princípio da estratificação (ou *layering*) estabelecido por Hopper (1991) para tratar da competição pelo uso.

Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013) dizem que a Linguística tem presenciado o crescimento de trabalhos desenvolvidos que buscam associações entre a perspectiva da gramaticalização e da Gramática de Construções. Oliveira (2018), no trabalho “Arquitetura construcional e competição pelo uso”, tece delineamentos possíveis para o tratamento da variação linguística dentro do escopo da LFCU, a partir do subprincípio de camadas, da frequência *token* (os constructos) ou do *type* (níveis hierárquicos construcionais) e da proposição hierárquica e esquemática.

Nos espelhando nessa busca pela possibilidade de um diálogo, revisitamos não só o trabalho mencionado, mas, também, o Funcionalismo em sua abordagem clássica na voz de Hopper (1991), no qual afirma que a gramática da língua é emergente e, por essa razão, ela está se (re)constituindo constantemente. Com isso, o linguista assegura que formas já existentes na língua emergem exercendo novas funções.

Para demonstrar esse quadro em relação à variabilidade do modo subjuntivo, retomamos ao princípio da estratificação (ou *layering*) que, segundo Hopper (1991), pode ser compreendido da seguinte forma: em um domínio funcional, novas camadas estão emergindo de forma contínua. Nesse processo, as camadas mais antigas não desaparecem necessariamente, mas podem coexistir e interagir com as camadas mais novas em um mesmo domínio funcional.

No terreno da LFCU, traçamos alguns delineamentos teóricos e delimitamos o nosso olhar a alguns processos que essa teoria abarca para a análise de fenômenos linguísticos, como: a modalidade *irrealis*; categorização, memória rica e analogia segundo Bybee (2016[2010]).

A LFCU constitui uma perspectiva de estudos linguísticos recente que foi incorporada no terreno brasileiro no século XXI (OLIVEIRA, 2017). Essa tendência de teor funcionalista, que surgiu da conciliação dos pressupostos teóricos da Linguística Funcional e da Linguística Cognitiva, tem como objeto de estudo a investigação do processo de emergência e regularização de padrões da língua no ato comunicativo entre os falantes, na esfera da proposição, levando em conta fatores fonológicos, morfológicos e sintáticos e, no ato do discurso, a focalização em fatores linguísticos relacionados à organização do texto. (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013).

O princípio basilar da LFCU reside no fato de que os usos da língua modelam a sua estrutura e conferem a ela processos de variância e, para além disso, focaliza a interface entre o uso e a estrutura da língua, levando em conta tanto a emergência quanto “a regularização de padrões linguísticos” no processo de interação discursiva (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013).

O conceito de língua dentro desse escopo teórico pode ser compreendido como o pareamento entre forma e função, ou seja, de construções, que são organizadas em uma rede. Essa rede é constituída de nós, organizados hierarquicamente e interconectados entre si por meio de *links* de herança. (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013)

A gramática, nesse quadro teórico, pode ser entendida, a partir de Du Bois (2003), como um conjunto de esquemas, estruturas gramaticais que se encontram à disposição para as ações realizadas com a língua no processo discursivo. É através desse discurso, ou melhor, no processo do uso da língua que “as funções mais frequentemente implementadas” modelam a gramática da língua desenhando o que ela é. (DU BOIS, 2003)

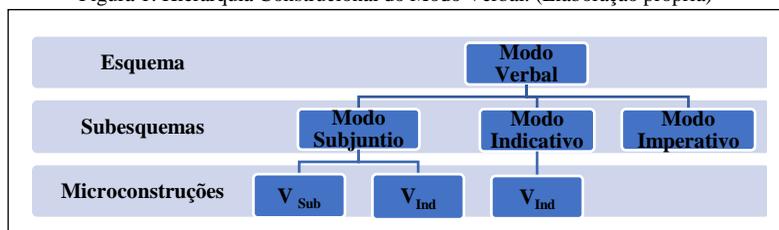
As mudanças linguísticas por que passam as línguas são evidenciadas na dimensão construcional da gramática por três fatores denominados de esquematicidade, produtividade e composicionalidade.

Segundo Rosário e Oliveira (2016), a esquematicidade deve ser considerada como um *continuum*. Dessa forma, existem construções que são mais esquemáticas e abstratas e, por sua vez, há aquelas que são menos ou medianamente esquemáticas. Essa gradiência existente tem uma estreita relação com os níveis de especificidade ou ainda de generalidade das construções.

De acordo com Bybee (2016 [2010], p. 154), a produtividade é a probabilidade de uma dada construção se aplicar a um novo item. “É, pois, uma propriedade da categoria ou das categorias formadas pelas posições abertas em uma construção.”

Em relação à composicionalidade, consiste na extensão da transparência do elo entre forma e significado da construção linguística. Os fatores esquematicidade, composicionalidade e produtividade descrevem a sistematização do modelo com base na noção de rede construcional delineadas por Traugott e Trousdale (2013). Em nosso estudo, podemos delinear a variação linguística dentro da dimensão construcional assumida pela LFCU assim:

Figura 1: Hierarquia Construcional do Modo Verbal. (Elaboração própria)



Tomando como base esse modelo para investigar a variabilidade do modo subjuntivo, a representação dos níveis da hierarquia construcional posta na Figura 1 pode ser delineada da seguinte forma: o esquema, constituído pelo pareamento de forma e sentido (mais) virtuais, vai ser preenchido pelas propriedades inerentes da construção do modo verbal. O nível do subesquema é preenchido pelos modos subjuntivo, indicativo e imperativo. O nível da microconstrução pode ser compreendido como toda unidade instanciada que é remodelada no uso através dos construtos (*token*), o *slot* é preenchido por verbos no modo subjuntivo e/ou indicativo. Os construtos que são as realizações efetivadas pelos usuários da língua são perfilados pelo valor de incerteza a partir do verbo da construção.

A partir da taxonomia formulada por Traugott e Trousdale (2013), conforme observada anteriormente na Figura 1, podemos tratar da abordagem da competição entre as formas indicativas e subjuntivas no nível do construto retomando alguns princípios psicológicos relevantes relacionados às construções organizadas na rede abordados na obra *A cons-*

*struction Grammar Approach to Argument Structure* de Goldberg (1995, p. 67):

(i) “O princípio da não-sinonímia: se duas construções são sintaticamente distintas, essas construções devem ser semântica ou pragmaticamente distintas (...).” A autora propõe dois corolários dentro desse preceito, a saber: 1. “Se duas construções são sintaticamente distintas e semanticamente sinônimas, então, elas não devem ser pragmaticamente sinônimas.”<sup>43</sup> (GOLDBERG, 1995, p. 67); 2. “Se duas construções são distintas sintaticamente, e pragmaticamente sinônimas, então, não devem ser semanticamente sinônimas.”<sup>44</sup> (GOLDBERG, 1995, p. 67).

Enfocaremos no primeiro coronário o que pode ser observado nos seguintes dados:

(2) DOC: Algum fato que aconteceu assim engraçado, interessante?  
INF: Não, que eu **LEMBRO**, num tem nada. Tem nada engraçado não.  
(*Corpus PPVC – J.C.S*)

(3) DOC: Todo mundo usava vestido?  
INF: É, tudo de vestido e na saia, aquelas jovens vestia uma saia bonita... o nome do desfile era burgariana, aquela saia bonita, florada, né, era que as jovens usava, e outra coisa, era saia com... que eu me **LEMBRE**, todas usavam aquela que chamava saia de argudão. (*Corpus PPVC – J.A.P*)

Com base nesse princípio da não sinonímia e no coronário 1, observamos que as construções 2 e 3 são distintas pelos usos de verbos no indicativo e subjuntivo nas orações parentéticas, tendo, no quadro do campo semântico, o mesmo valor de incerteza, porém, distintas pragmaticamente.

(ii) Princípio da expressividade máxima diz que “O inventário das construções são maximizadas em virtude de propósitos comunicativos.”<sup>45</sup> (GOLDBERG, 1995, p. 67)

A competição pelo uso de formas indicativas e subjuntivas no domínio do modo subjuntivo tem relação com esse princípio para atender as necessidades comunicativas dos falantes.

---

<sup>43</sup> Corollary A: If two constructions are syntactically distinct and S(emantically)-synonymous. Then they must not be P(ragmatically)-synonymous. (GOLDBERG, 1995, p. 67)

<sup>44</sup> Corollary B: If two constructions are syntactically distinct and P-synonymous, then they must not be S-synonymous. (GOLDBERG, 1995, p. 67)

<sup>45</sup> The Principle of Maximized Expressive Power: The inventory of construction is maximized for communicative purposes. (GOLDBERG, 1995, p. 67)

De acordo com Oliveira (2018, p. 115), na perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso, a competição pelo uso é resultante do “(...) aumento da produtividade *token* e se relaciona também à proposta de Dahl (2001), acerca dos efeitos inflacionários da linguagem, e à de Heine (2002), sobre a extravagância no uso linguístico.”

Ainda no intuito de explicar a variabilidade do modo subjuntivo, nos ancoramos na categoria da modalidade *irrealis* e nos processos cognitivos de domínio geral. Referente à modalidade *irrealis*, Givón (2001) a define como a atitude do falante no que diz respeito ao submodo deôntico relacionado a verbos de fraca manipulação; e ao submodo epistêmico associado ao valor semântico de verbos com baixa certeza. De acordo com Givón (2001), o subjuntivo tem um maior índice de realização quando então inseridos dentro desses submodos.

A variância e gradiência, que observamos nas línguas naturais, podem ser provenientes de processos cognitivos de domínio geral em virtude de eles operarem nos usos da língua. Consideramos, ainda, neste trabalho, os processos de categorização, memória enriquecida e analogização por dialogar com o nosso objeto de pesquisa.

A primeira habilidade, categorização, pode ser entendida como a semelhança que acontece com palavras e sintagmas ou suas partes componentes são relacionadas a representações estocadas na memória do falante. A categorização é uma habilidade de domínio geral, porque as categorias perceptuais diversificadas são formadas em virtude da experiência no processo de interação comunicativa, independentemente da língua. (BYBEE, 2016 [2010]).

No que tange à memória enriquecida, consiste na estocagem na memória dos detalhes experienciados do falante com a língua considerando a inclusão dos detalhes fonéticos como palavras e sintagmas, contextos de uso da língua, significados e inferências relacionadas aos enunciados. Então, retomamos, aqui, o processo de categorização que assume o papel de mapear essas memórias enriquecidas em representações que já existem. (BYBEE, 2016 [2010])

No que concerne à analogia, consiste em um processo cognitivo de domínio geral em que novos enunciados são formados e, assim, fundamentados em enunciados já disponíveis. A analogização requer a categorização, porque partes das sequências linguísticas antes enunciadas segmentam-se em unidades que são ordenadas e categorizadas antes que ocorrências novas possam ser criadas com elas (BYBEE, 2016 [2010]).

Posto os pressupostos teóricos que nos ancoraremos para esta pesquisa, na próxima seção, trataremos das especificidades metodológicas da pesquisa

### **3. O delineamento metodológico da pesquisa**

A nossa amostra de pesquisa é constituída pelos *corpora* das variedades popular e culta do Português Brasileiro da cidade de Vitória da Conquista - BA. Esses *corpora* foram compostos por entrevistas orais, levando em conta a modalidade de interação entre documentador e informante, seguindo os moldes da Sociolinguística laboviana. A amostra é constituída por 48 (quarenta e oito) gravações realizadas com informantes que residiam na cidade de Vitória da Conquista-BA. Desse total, 24 (vinte e quatro) entrevistas foram feitas com falantes que tinham 11 (onze) anos ou mais de inserção no universo escolar, formando, assim, o *Corpus* do Português Culto de Vitória da Conquista-BA (*Corpus* PPVC). As outras 24 (vinte e quatro) entrevistas foram realizadas com informantes sem escolaridade ou com apenas 5 (cinco) anos de escolarização, constituindo o *Corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista-BA.

Das 24 (vinte e quatro) entrevistas de cada amostra, 12 (doze) informantes pertencem ao sexo feminino e 12 (doze) ao sexo masculino. Além desses critérios, os *corpora* são estratificados em três faixas etárias, a saber: (i) faixa etária I (15 anos a 25 anos de idade); (ii) faixa etária II (26 anos a 50 anos de idade) e (iii) faixa etária III (mais de 50 anos de idade).

Para o tratamento da variabilidade do modo subjuntivo, apropriamo-nos do método misto que pode ser compreendido, segundo Lacerda (2016), por meio da associação entre as metodologias quantitativa e qualitativa. Lacerda (2016), orientando-se nas palavras de Traugott e Trousdale (2013), explica-nos que esse caráter quanti-qualitativo pode corroborar no entendimento de como as inovações linguísticas que surgem no processo de interlocução pelos falantes são regularizadas na língua.

### **3. Análise dos dados**

Na amostra do português culto, foram encontradas 14 (catorze) dados em contextos de oração parentética conforme a tabela a seguir:

Tabela 1: Distribuição das formas do indicativo e subjuntivo por tipos e ocorrências.

<b>Frequência</b>	<b>type e token</b>
<b>lembre<sub>Sub</sub></b>	<b>10 (71,4%)</b>
<b>lembro<sub>Ind</sub> 4</b>	<b>(28,6%)</b>
Total	14

Os resultados desta pesquisa demonstram que, de um total de 14 (catorze) *tokens* detectadas no *Corpus* PCVC em contexto de modo subjuntivo, registraram-se 4 (quatro) construções perfiladas pelo *type* forma indicativa e 10 (dez) construções perfiladas pelo *type* forma subjuntiva. Nessa competição entre formas indicativas e subjuntivas, a forma prototípica é a mais frequente no *Corpus* PCVC.

Amorim (2015) realizou um estudo na perspectiva do Sociofuncionalismo, investigando a variação do modo subjuntivo em 24 (vinte e quatro) entrevistas no *Corpus* do PPVC da cidade de Vitória da Conquista-BA. A pesquisadora encontrou 13 (treze) *tokens* em conteúdo de parentética e certificou que a forma prototípica teve um percentual baixo (02/13 – 15% – 2 *tokens*) em relação à forma variante (11/13 – 85% – 11 *tokens*). Em relação à caracterização do comportamento das orações parentéticas, Amorim (2015) encontrou: (i) uso da primeira pessoa do singular; (ii) expressão da subjetividade; (iii) uso categórico do verbo *lembrar*.

A competição pelo uso de formas do subjuntivo e indicativo pôde ser descrito por Amorim (2015), na perspectiva da gramaticalização. No intuito de ampliar esse estudo agora utilizando a amostra do Português Culto e, seguindo na esteira na LFCU, temos as seguintes contribuições que essa teoria contempla com direções que não eram abalizadas pela gramaticalização: (i) formação de construções esquemáticas e (ii) o conceito de gramática como uma rede de nós conectados de maneira hierárquica (CEZÁRIO, SILVA; SANTOS, 2015).

Por meio dessa contribuição aos estudos da literatura linguística em relação a esse tipo de oração, damos sequência ao delineamento da análise das orações parentéticas observando a rotinização. Givón (2011) chama atenção para isso quando diz que uma forma muito rotinizada torna-se inexpressiva pela sua previsibilidade e alta frequência de uso. Esse efeito causa nos falantes uma necessidade pela busca de novas formas para se expressar e esse constitui um dos pontos cruciais para compreender a variabilidade do subjuntivo a partir da competição pelo uso. Consi-

derando o uso do subjuntivo com a forma prototípica, previsível e usual no contexto sintático de oração parentética que se caracteriza por restringir a generalidade de uma asserção (ALMEIDA, 2009; BECHARA, 2009), o informante opta pela forma indicativa, que surge, então, em processo de competição devido a fatores relacionados às necessidades de uma expressividade maior, conforme o coronário proposto por Goldberg (1995).

Quando observamos essa competição pelo uso das formas indicativas e subjuntivas, conforme demonstrado na Tabela 1, é possível estabelecer uma relação com o princípio das camadas (HOPPER, 1991) na perspectiva da gramaticalização; e, na abordagem da LFCU, observar esse fenômeno sendo atestado no nível do *token*. Para delimitar isso melhor, partimos do princípio da estratificação (ou *layering*) que pode ser interpretado na análise desse fenômeno linguístico da seguinte maneira: a forma subjuntiva constituída como a camada mais velha coexiste com a camada mais nova (forma indicativa) em um mesmo domínio funcional. A forma prototípica, pela sua rotinização de uso, perde a sua força expressiva abrindo espaço para o surgimento e convivência com a forma indicativa que marca a mesma função da camada mais antiga.

Retomando os processos cognitivos de domínio geral, podemos contextualizar a conceitualização de categorização (OLIVEIRA, 2019) com a variabilidade do subjuntivo da seguinte forma: as categorias não são estagnadas, mas gradientes e, por essa natureza essencialmente gradiente, as fronteiras entre construções diferentes, formas indicativas e formas subjuntivas, não são discretas e podem, em alguma proporção, abrir espaço para certa neutralização entre exemplares distintos permitindo a permuta entre as construções.

Referente ao processo de analogia, os falantes criam novos usos a partir de padrões já existentes. Sendo assim, o modo subjuntivo pode ser explicado pelo processo via analogização quando percebemos alteração no nível semântico-pragmático no quadro do modo subjuntivo quando instancia formas do indicativo para representar a sua função.

Em relação à memória enriquecida, o uso do subjuntivo em contexto de oração parentética constitui um uso previsível e usual que, pela sua rotinização, faz com que esse uso linguístico tenha uma alta estocagem na memória enriquecida dos detalhes experienciados pelo falante com a língua e, por essa razão, tais construções linguísticas conservam-se por um período maior nos usos linguísticos.

Acionados esses processos cognitivos de domínio geral para compreender o comportamento do uso do modo verbal nas orações parentéticas na língua oral, partimos para a rede taxonômica do modo verbal, demonstrado na Figura 1, para tecermos as seguintes observações: (i) instâncias com o modo indicativo pelo processo de analogização passou a ocupar o slot<sub>x</sub> no nível das microconstruções, aumentando, assim, a produtividade no nível do subesquema (modo subjuntivo) que antes só era licenciado por verbos no modo subjuntivo. Consequentemente, há um aumento na esquematicidade em virtude de a forma indicativa configurar um elemento a mais na categoria do modo subjuntivo, carregando a carga semântica desse modo verbal como observado nos dados (4) e (5) a seguir:

(4) [...] aí eu me lembro uma vez que... isso me trouxe traumas terríveis em relação ao meu cabelo né, eu me lembro uma vez da... de uma festa de aniversário, que eu *tava* numa festa de aniversário e tal e aí minha mãe *vamo* soltar o cabelo, *vamo* soltar o cabelo agora e entupi o cabelo de creme, creme, creme só que ele encheu, encheu muito e aí eu botei aquele chapeuzinho de festa ridículo [ININT] e aí pronto, os meninos no aniversário “a lá Bozo, a lá Bozo” [ININT] e povo “aí que coisa *fea* a menina tá parecendo o Bozo sempre traumatizada com meu cabelo, sempre traumatizada, muito traumatizada mesmo. *Ótro* fato que eu me lembro também dessa época, essa época era... dificuldade muito grande de... assim.. *financêrané*... de... viver assim, **QUE EU ME LEMBRO**, que eu comecei mentir pras minhas colegas eu estudei num orfanato, no Lar Santa Catarina de [ININT] tinha ensino fundamental e eu me lembro que comecei mentir pras colegas, e falar que eu tinha condição [...] (*Corpus PCVC - D.F.P*)

(5) DOC: É... lembra alguma his'tória interessante vivida com sua família na infância?  
INF: Há várias né... várias mais eu... eu... é... lembro da... das... desse momentos em que é... é... fomos pra... pra rios e... é... comíamos lá e... passávamos é... dia... dia todo lá né... brincando... na beira de rio... e é isso eu... eu lembro muito desses momentos em que estáva' estavamos juntos e os outros vários momentos também de celebração né... que estivemos juntos né... são momentos interessantes, momentos... momentos... **QUE EU LEMBRO**... é... com carinho né... (H.F.D.S) (*Corpus PCVC M*)

Em (4), a informante relata o trauma que passou na sua infância em relação ao seu cabelo e conta da sua situação financeira difícil. Na sequência, utiliza uma oração parentética a fim de relativizar o conteúdo veiculado, sinalizando para o ouvinte que não tem tanta certeza da sua resposta, que é a memória afetiva desses fatos com carinho. Podemos observar que o traço semântico do verbo no modo indicativo não é de certeza conforme o valor desse modo verbal, mas carrega a carga semântica

de incerteza contida na categoria do modo subjuntivo, acentuando, ainda, mais a subjetividade presente no discurso de D.F.P. em busca de lembranças sobre o período da infância.

Em (5), quando é perguntado para o informante se ele se lembra de alguma história da infância, ele responde de maneira categórica que se lembra de vários fatos. No processo do relato dessas lembranças, o entrevistado utiliza uma oração parentética como estratégia para relativizar a informação. Dessa maneira, o falante atenua o comprometimento do que é falado. Os dados (4) e (5) supramencionados, com verbos no modo indicativo em suas construções, carregam o traço semântico de construções que requerem o modo subjuntivo como demonstrado nos excertos (6) e (7).

(6) DOC: E algum personagem de alguma coisa que você assistiu que você acha que lhe marcou, que você... não vai esquecer mesmo, ou não tem essa personagem?

INF: A... tem muitos personagens assim de... de filmes mesmo tem muitos... **QUE EU ME LEMBRE** do... do... Forest Gun, O Portador de Histórias, há... há... bastante tempo que eu assisti esse filme... achei interessante a forma dele... dele... agir... umas imagens assim totalmente assim sei lá... (C.S.M.N) - (*Corpus* PCVC)

(7) INF: **QUE EU ME LEMBRE, NÃO**. Eu até sarampo, catapora, essas coisas que todo mundo tem eu nunca tive. (E.D.P.F) (*Corpus* PCVC F)

DOC: Eh você já fez alguma coisa que se arrependeu? Pudessem voltar atrás, fazê de novo?

INF: **QUE EU ME LEMBRE** no momento **NÃO**. (E.D.P.F) (*Corpus* PCVC)

Em (6), quando é perguntado ao informante se algum personagem de filme o marcou, ele responde de maneira categórica que muitos personagens. No entanto, na sequência da sua fala, ele usa uma oração parentética para relativizar o conteúdo dito e introduzir os exemplos.

Na oração (7), também notamos esse jogo intencional nessa atribuição de inferências. Importante pontuar a respeito da natureza do verbo *lembrar* mencionado nas pesquisas de Pimpão (2012) e de Amorim (2015), que, fazendo parte do quadro dos verbos factivos, não apresenta bem esse traço da factividade nos nossos dados. À semelhança dos resultados encontrados pelas pesquisadoras, o verbo *lembrar* nas orações parentéticas revelou essa nova ressignificação. Outra semelhança com esses trabalhos é que o traço da factividade não é totalmente perdido, porque é percebido que, no processo discursivo, os falantes relatam situações conhecidas e experienciadas por eles.

Essa atenuação por parte do falante do conteúdo veiculado é uma estratégia utilizada que recai na modalidade epistêmica uma vez que o eixo semântico do verbo lembrar está associado a baixa certeza.

Em relação à variável escopo da negação, esse fator exerceu influência no uso de formas do subjuntivo conforme a Tabela 2 a seguir:

Tabela 2: Atuação da variável estrutura da assertividade da oração.

MICROCONSTRUÇÕES	MODO VERBAL			
	Subjuntivo		Indicativo	
	Nº	%	Nº	%
[que+P(clít)+V <sub>subj</sub> ]	5	56	4	44%
[NEG+que+P(clít)+V <sub>subj</sub> +NEG]	4	100	-	
[(NEG)+que+P(clít)+V <sub>subj</sub> + NEG]	1	100	-	
Total	10		4	

Na Tabela 2, podemos constatar que as sentenças com o escopo da negação favorecem o uso de formas do subjuntivo de forma categórica nas construções [NEG+que+P(clít)+V<sub>subj</sub>+NEG] - não que eu me lembre e [(NEG)+que+P(clít)+V<sub>subj</sub> + NEG]- que eu lembre, não.

Ainda a respeito do comportamento das orações parentéticas no Português Culto de Vitória da Conquista-BA, os dados mostraram o uso categórico do presente do indicativo/subjuntivo, o uso da primeira pessoa do singular e do verbo factivo *lembrar*, de forma semelhante à pesquisa de Amorim (2015). Ainda tivemos como resultado a alta frequência *type* da forma subjuntiva e o operador da negação teve, em parte, influência nessa escolha.

Algumas diferenças podem ser notadas na análise da amostra do Português Popular (AMORIM, 2015), quando comparadas ao Português Culto, a saber: (i) o alto índice da frequência *type* da forma indicativa; (i-i) a não influência do escopo da negação na aquisição da forma prototípica.

Tanto nas amostras do Português Culto como no Português Popular (AMORIM, 2015), observamos que a parentetização é um recurso instaurado com o intuito de atenuar uma inferência por parte do falante para que não seja tomada de maneira assertiva. Essas estratégias e negociações que os falantes buscam no ato comunicativo adicionam mais uma microconstrução na rede taxonômica dos modos verbais instanciados por

verbos na forma indicativa, fazendo com que entre em competição pelo uso com a forma subjuntiva.

#### **4. Considerações finais**

O intuito desta pesquisa foi investigar a variabilidade do subjuntivo, no viés da competição pelo uso a partir do diálogo entre a perspectiva da Gramática de Construções e da gramaticalização e ancorados, também, na LFCU.

Na amostra do Português Popular (*Corpus PPVC*) foram encontrados um total de 13 (treze) *tokens* com 11 (onze) ocorrências com a forma indicativa e 2 (dois) ocorrências com a forma prototípica (AMORIM, 2015). Já na amostra do Português Culto, nossos dados revelaram uma frequência de ocorrência de 14 (catorze) *token*se, na frequência de tipo, 10 (dez) ocorrências com a forma subjuntiva e 4 (quatro) ocorrências coma forma indicativa.

Para a análise dessa variabilidade do modo subjuntivo, damos atenção à questão da rotinização já que o uso frequente de um dado item linguístico sofre uma espécie de desbotamento semântico fazendo com que os falantes busquem outras alternativas no processo discursivo o que faz com que a língua esteja em constante variação e mudança linguística.

Ainda acionamos para essa análise: (i) o princípio da estratificação em que a camada mais antiga (forma subjuntiva) e a mais nova (forma indicativa), competem marcando o mesmo traço semântico de incerteza em um mesmo domínio funcional; (ii) os processos cognitivos de domínio geral categorização, analogia e memória enriquecida; (iii) a modalidade *irrealis* na visão givoniana e (vi) a dimensão construcional de acordo com Traugott e Trousdale (2013) - esquema, subsesquema e microconstruções mostrando a hierarquia construcional do modo verbal subjuntivo.

O resultado da competição entre as formas dos modos subjuntivo e indicativo no Português Culto se deu da seguinte maneira: o uso categórico do presente do indicativo/subjuntivo, o uso da primeira pessoa do singular e do verbo factivo *lembrar*, à semelhança dos resultados da amostra no Português Popular (AMORIM, 2015). Ainda tivemos como resultado a alta frequência *type* da forma subjuntiva e o operador da negação teve, em parte, influência nessa escolha.

Em relação à amostra de fala do Português Popular, algumas diferenças foram apresentadas em relação ao Português Culto, a saber: (i) o alto índice da frequência *type* da forma indicativa; (ii) a não influência do escopo da negação na aquisição da forma prototípica (AMORIM, 2015).

A partir do diálogo entre pressupostos teóricos da gramaticalização e da Gramática de Construções foi possível explicar a variabilidade, no viés da competição pelo uso. A variabilidade no escopo da LFCU constitui um terreno novo e aberto para ser germinado. Por essa razão, se faz necessário que novas pesquisas sejam desenvolvidas a fim de desvendarmos novos horizontes ainda por descortinar.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 46. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

AMORIM, Vania Raquel Santos. *A gramaticalização do subjuntivo: um estudo do português popular*. 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UESB, Vitória da Conquista, 2015.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BYBEE, Joan. *Língua, uso e cognição*. Trad. de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016 [2010].

CEZARIO, Maria Maura; SILVA, Thiago dos Santos; SANTOS, Monique dos. Formação da construção [Xque]<sub>conec</sub> no português. *Revista do curso da UNIABEU Nilópolis*, v. 6, n. 6. Setembro-dezembro, 2015.

DU BOIS, J. W. Argumentstructure. Grammar in use. In: DU BOIS, J. *et al.* (Eds). *Preferred argument structure: grammar as architecture for function*. Amsterdam: John Benjamins, 2003.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. Linguística Funcional Centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZÁRIO, Maria Maura; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. *Linguística Centrada no uso: uma homenagem a Mario Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2013.

GIVÓN, Talmy. *Syntax: an introduction*. v. 1 Amsterdam: John Benjamins, 2001.

- GIVÓN, Talmy. *Compreendendo a gramática*. Natal: EDUFRRN, 2011.
- GOLDBERG, A. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- HOPPER, Paul J. On some principles of grammaticization. In: TRAU-GOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd (Eds). *Approaches to Grammaticalization: Focus on Theoretical and Methodological Issues*. v. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991, p. 17-35
- LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral da Cunha. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista Linguística/Revista do programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, Volume Especial, p. 83-101, dez de 2016.
- OLIVEIRA, Mariângela Rios de. Linguística funcional centrada no uso. In: CASSEB-GALVÃO, Vânia; NEVES, Maria Helena de Moura. (Orgs). *O todo da língua: teoria e prática do ensino de português*. São Paulo:Parábola Editorial, 2017.
- \_\_\_\_\_. Arquitetura construcional e competição pelo uso. In: FURTA-DO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. *Variação e mudança em perspectiva construcional*. Natal: EDUFRRN, 2018.
- OLIVEIRA, Diego Leite. O tratamento da variação em gramática de construções baseada no uso: a propósito das construções clivadas em português brasileiro. *Diadorim*, v. 21, n. 2, p. 62-82, Rio de Janeiro, 2019.
- PIMPÃO, Tatiana Schwochow. *Uso variável do presente do presente no modo subjuntivo: uma análise de amostras de fala e escrita das cidades de Florianópolis e Lages nos séculos XIX e XX*. Tese (doutorado). UFSC, Florianópolis, 2012.
- ROSÁRIO, Ivo da Costa; OLIVEIRA, Mariângela Rios. Funcionalismo e Abordagem construcional da gramática. *Alfa*, 60 (2), p. 233-59, São Paulo, 2016.
- TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press. 2013.